

MONÓLOGOS PARA O TESTE DE ELENCO

MÔNICA

Contexto para a Cena:

Mônica está sozinha no quarto da casa de Marieta. A luz é fraca, e o silêncio parece pesar. Ela acaba de se lembrar de um momento traumático do cativeiro, algo que tenta bloquear, mas que insiste em retornar. As cicatrizes em seus punhos e as vozes que ecoam em sua mente a levam a um misto de dor e raiva. O monólogo é o desabafo de uma jovem que carrega a dor de anos de abuso e injustiça, mas que agora está determinada a enfrentar seus algozes.

Instrução de Interpretação:

Mônica deve começar com uma voz trêmula, quase sussurrada, revelando sua vulnerabilidade. Conforme o monólogo avança, a dor se transforma em fúria, e sua voz deve ganhar força e intensidade. O olhar deve ser fixo, com momentos de introspecção, como se estivesse revivendo memórias, alternando com olhares cheios de ódio e determinação

Monólogo:

(Sussurrando, com crescente intensidade)

Eu lembro do cheiro... aquele cheiro de cigarro e suor que impregnava o quarto. Lembro da voz dele... mandando eu sorrir para a câmera. Eles diziam que ninguém se importava comigo. Que eu era só mais uma entre tantas... Mas sabe o que é

engraçado? Eu nunca esqueci os rostos. Cada palavra, cada toque, ficou gravado como fogo na pele. Eu corri, me escondi, tentei apagar tudo, mas... não dá pra fugir do que você é. E eu? Eu sou a caçadora agora. Eles precisam pagar, cada um deles, e eu vou fazer questão de que sintam o mesmo medo que senti. Porque a justiça? A justiça não basta. O que eu quero é que eles sintam. Que eles implorem... e que saibam que não há perdão.

DELEGADO PAULINO

Contexto para a Cena:

Paulino está em seu escritório, após receber a notícia de que Mônica está na casa de Marieta. Ele sabe que essa descoberta pode pôr tudo a perder. Enquanto fala, ele relembra os crimes que cometeu e tenta justificar seus atos, convencendo a si mesmo de que tudo foi necessário para manter sua posição e controle sobre Pedra Negra.

Instrução de Interpretação:

Paulino deve manter uma postura rígida e confiante, mas com traços de paranoia e tensão nos momentos em que menciona as ameaças ao seu poder. O tom é controlado, mas carregado de subtexto ameaçador. Use gestos sutis, como arrumar a gravata ou tamborilar os dedos, para transmitir o cálculo constante de suas ações.

Monólogo:

(Frio, com um tom de superioridade) Eu nasci para isso. Para controlar, para comandar. Desde pequeno, eu sabia que havia duas opções na vida: ou você caça, ou você é caçado. Pedra Negra precisa de mim. Eles nunca vão admitir, mas sabem que sem Paulino, essa cidade seria devorada pela própria sujeira. Sim, eu manipulo. Eu intimido. Eu faço o que for necessário. E, no final, sempre tem alguém para

culpar, alguém para sacrificar. Você acha que sabe o que é justiça, Marieta? Justiça é manter as aparências, garantir que o sistema continue funcionando. Não sou um monstro. Sou um protetor. E todos esses vermes que tentam me desafiar? Eles aprendem rápido quem é que manda.

DONA MARIETA

Monólogo:

(Com compaixão, mas em tom sério)

Mônica, eu sei que o mundo foi cruel com você. Eu vejo nos seus olhos... tanta dor, tanto medo. Mas também vejo força. Uma força que muitos não têm. Não é fácil confiar, não depois do que você passou. Mas eu quero que saiba que não está sozinha. Eu já vi muita coisa nessa vida, ajudei muitas crianças a encontrarem seu caminho. Você pode achar que tudo está perdido, mas ainda há tempo. Essa casa, essas paredes... elas podem ser seu refúgio. E eu... eu quero ser seu porto seguro, mesmo que por pouco tempo. Mas, querida, você precisa deixar que eu te ajude. Não podemos vencer nossos monstros sozinhos.

Contexto para a Cena:

Marieta está na cozinha, preparando um chá para Mônica, que acaba de chegar à sua casa. A jovem está visivelmente traumatizada, e Marieta percebe que sua ajuda será crucial para que Mônica consiga se sentir segura. O monólogo é uma tentativa de quebrar o gelo e criar uma conexão, enquanto Marieta tenta demonstrar que a jovem pode confiar nela.

Instrução de Interpretação:

Marieta deve transmitir serenidade e acolhimento. Sua voz é suave, com um tom quase maternal, mas firme ao enfatizar a importância de confiar e aceitar ajuda. Use gestos delicados, como oferecer o chá ou tocar levemente o ombro de Mônica. O olhar deve transmitir empatia, observando cada reação da jovem.

DR. EMANUEL

Monólogo:

(Falando sozinho, em tom angustiado)

Por que eu aceitei isso? Eu podia ter dito não, podia ter virado as costas. Mas não... aqui estou, tentando salvar minha pele, afundado até o pescoço. Paulino sempre soube me pressionar. Ele sabia... ele viu a fraqueza em mim. Agora, não importa o que eu faça, não tem volta. Esses olhos... os olhos dela... me assombram todas as noites. Eu tento dormir, mas vejo o rosto dela, machucado, com medo. E, mesmo assim, eu continuo. Continuo porque... porque sou um covarde. Um miserável. Mas, talvez... talvez haja uma saída. Eu só preciso encontrar um jeito... antes que tudo desmorone.

Contexto para a Cena:

Emanuel está em seu consultório improvisado, segurando o telefone depois de uma ligação tensa com Paulino. Ele sabe que está profundamente envolvido em crimes horríveis e teme as consequências. O monólogo reflete seu estado mental caótico, em que a culpa e o medo competem com sua incapacidade de agir.

Instrução de Interpretação:

Emanuel deve parecer inquieto, com movimentos nervosos e respiração ofegante. O tom da voz varia entre sussurros de autopiedade e explosões de desespero. O olhar é errático, como se buscasse uma saída invisível. Gestos como esfregar o rosto ou apertar as têmporas ajudam a transmitir o estado de ansiedade constante.

LAURA

Monólogo:

(Confusa, mas determinada)

Eu sempre quis ser como você, pai. Seguir seus passos, fazer você sentir orgulho de mim. Você me ensinou o valor da justiça, da verdade. Mas agora... agora tudo isso parece uma mentira. Eu vejo a sujeira nas suas mãos, o peso dos seus segredos. E dói... dói saber que o homem que eu admirei é um estranho para mim. Mas não posso mais ignorar. Não posso mais fingir que não sei o que está acontecendo. Eu sou policial. Meu dever é com a verdade. E, pai... se a verdade significa confrontar você, então é isso que vou fazer.

Contexto para a Cena:

Laura acaba de descobrir evidências incriminadoras contra seu pai. Ela está sozinha em seu carro, estacionado em uma estrada isolada. O monólogo é uma explosão de emoções conflitantes, enquanto ela tenta processar o choque de descobrir que o homem que sempre admirou é um criminoso. Sua mente oscila entre a lealdade familiar e seu dever como policial..



Instrução de Interpretação:

Laura deve exibir um forte conflito interno. Sua voz começa trêmula, marcada pela dor da traição, mas ganha firmeza à medida que a determinação em fazer o que é certo cresce. O olhar deve alternar entre vazio e foco intenso, como se ela estivesse travando uma batalha interna. Gestos como apertar o volante ou esfregar os olhos ajudam a reforçar o peso emocional da cena.